

Pesquisa social em ambientes digitais: questões teórico-metodológicas

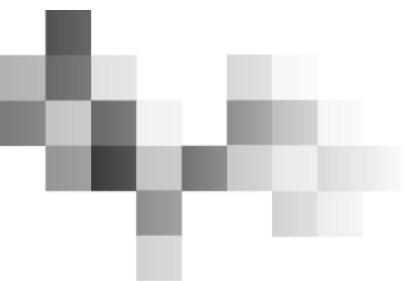
Suely Deslandes¹, Tiago Coutinho², Julia Galli O'Donnell³

¹Departamento de Ensino do Instituto Fernandes Figueira – Fundação Oswaldo Cruz, Brasil. deslandes.s@gmail.com

²Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. tiagocoutinho80@gmail.com

³Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. juliagod@outlook.com.br

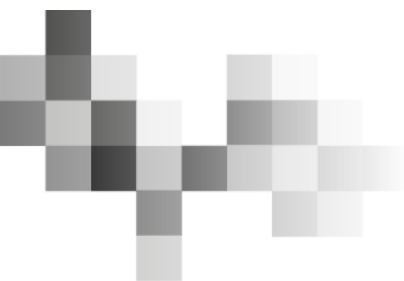
Resumo. Ao longo da segunda década dos anos 2000 observou-se a consolidação de um novo campo de estudo na Pesquisa Social: os ambientes digitais. Muitas vezes reconhecido pelo nome genérico “internet”, o mundo digital atrai a atenção de um número cada vez maior de pesquisadores sociais trazendo novos questionamentos teóricos, epistêmicos e metodológicos. A rapidez na extração dos dados, o baixo custo de compilação de acervos diversificados, a acessibilidade aos sujeitos de pesquisa sem limitações geográficas, além de permitir o contato com práticas e discursos sobre temas que poderiam sofrer impedimentos éticos como objetos que lidam com crianças e adolescentes ou fenômenos à margem da lei, são possíveis fatores que explicam o rápido crescimento das “pesquisas na internet”. Um dos principais paradigmas colocados em questionamento com a chegada da Web 2.0 foi a ideia de que existe um mundo “virtual” em contraposição a um outro que pode ser chamado de “real”. Se a internet 1.0 com seus grupos de e-mails, sites, blogs e programas de mensagens instantâneas transmitia a impressão de que um mundo paralelo ao real estava sendo construído através de computadores fixos, seguindo a lógica dos escritórios (desktop e laptop), a web 2.0 borra a fronteira que separa a dicotomia online X off-line, real X virtual. A incrível capacidade de transmissão de dados cada vez maior em aparelhos portáteis cada vez menores fizeram com que a interconectividade entre as pessoas fosse realizada através de diversas mídias (foto, vídeos, transmissão ao vivo, musica, gifs, etc.) em tempo real. Aplicativos de mobilidade urbana, relacionamento afetivo-sexual, ciclo menstrual, ou ainda, relógios que medem pressão e batimento cardíaco que são diretamente ligados a empresas de seguro de saúde, são breves exemplos de que a distinção entre virtual e real não faz mais sentido. A mediação das redes sociais digitais não se apresenta apenas vital para a comunicação familiar, comunitária e profissional, mas se torna o eixo dessa sociabilidade. A construção social da “imagem de si”, de um “self” ou identidades sociais também são submetidos ao filtro das relações digitais. A partir destes exemplos pode-se afirmar que a sociabilidade contemporânea passa necessariamente pelo mundo digital. A partir de um levantamento bibliográfico realizado como estudo exploratório para a apresentação deste painel, observou-se que as pesquisas sociais que tem como tema ou campo os diferentes ambientes digitais criados pela internet podem ser divididos em dois grandes grupos no que se refere a pressupostos metodológicos de pesquisa. De um lado, influenciados pela TAR (Teoria Ator-Rede) de Latour e Callon, apresenta-se um conjunto de trabalhos que enfatizam uma drástica ruptura entre a pesquisa social realizada no mundo digital e a pesquisa social chamada por estes autores de “tradicional”. Fala-se em uma virada metodológica trazida pela lógica da produção excessiva de dados, conhecida como bigdata, tornando assim obsoleta e datada todas as técnicas de pesquisas tradicionais. Por outro lado, observou-se um conjunto de artigos que ao invés de enfatizar a ruptura, buscou sublinhar as continuidades entre a pesquisa qualitativa e o advento dos diferentes ambientes digitais. Muito menos coeso teórico e metodologicamente que o grupo influenciado pela TAR, estes artigos buscam em suas pesquisas ressaltar as continuidades dos pressupostos teóricos e técnicas da pesquisa qualitativa desenvolvida ao longo do século XX e os avanços tecnológicos que vieram sobretudo com o advento



da web 2.0. Diversos artigos apontam para o fato que os artefatos tecnológicos sempre estiveram presentes na trajetória da pesquisa qualitativa. Desde a máquina fotográfica e o gravador de voz levado por Malinowski para as ilhas Trobriand, passando pelo gravador digital, filmadora, computador pessoal e todos os aparelhos que auxiliaram os pesquisadores nas diferentes etapas da pesquisa. Assim, avanço tecnológico e pesquisa qualitativa sempre foram pensados de forma conjunta em uma relação de dupla influência. Todavia, compreendemos que a pesquisa social seja ao tratar os ambientes digitais como campo de interação pesquisador-sujeitos ou como campo documental que permite a compilação de “textos” sociais, terá diante de si a tarefa teórica de discutir como essa socialidade digital se estabelece e quais sentidos são atribuídos por seus diferentes agentes. Considerando a continuidade entre os paradigmas teóricos e práticos qualitativos empregados ao longo do século XX e os desenvolvimentos tecnológicos trazidos pelo advento da superconectividade e extrema mobilidade da web 2.0, o objetivo deste painel é explorar as potencialidades, desafios e limites da investigação qualitativa nos diferentes ambientes digitais. Partindo da revisão da literatura e da experiência acumulada pelos proponentes do painel em ministrar cursos de metodologias qualitativas em ambientes digitais e orientar trabalhos que partem desta abordagem metodológica, organizamos o debate a partir de alguns eixos temáticos: **Plataformas digitais e a construção de gêneros narrativos:** Cada plataforma digital (Facebook, Instagram, Whatsapp ou Tinder) estabelece um conjunto de regras discursivas próprias que envolvem desde o limite de caracteres, até uma sintaxe própria, envolvendo texto e/ou imagens de forma peculiar, voltado à produção de narrativas típicas sobre si e sobre a sociedade. Trabalharemos os seguintes temas: 1. **Ambiente digital estudado:** A partir do conceito de Polymídia de Daniel Muller parte-se da ideia de que os algoritmos só fazem sentido quando atribuímos um certo significado cultural a ele, ou seja, o Facebook no Brasil recebe significados tão distintos daqueles atribuídos na Índia que não nos autorizam em pensá-lo apenas como um artefato técnico. Desta forma é impossível entender um espaço digital sem entender os seus diferentes usos práticos em cada cultura. 2. **Produção de acervos:** Episteme da pesquisa qualitativa nos mostrou que nenhuma técnica de extração/produção de dados é neutra, ela corresponde a uma determinada concepção teórica do social. Assim, as diferentes técnicas de extração, produção e tratamento de dados foram enriquecidas ou expandidas em seu alcance por ferramentas que vieram com o advento da Web 2.0. Como as técnicas já conhecidas, especialmente baseadas nas dinâmicas de entrevistas e observação, são ressignificadas na pesquisa em ambientes digitais? 3. **Construções de identidades a partir dos ambientes digitais:** Os diferentes ambientes digitais são espaços contemporâneos de construção de identidade. Seja a cor da pele, o transtorno diagnosticado, a orientação sexual ou carreiras profissionais são grandes temas que provocam formas de identificação a partir da internet e que possuem diversos desdobramentos práticos como implementação de políticas públicas ou reconhecimento jurídico. 4. **Questões éticas:** Um dos pontos mais controversos da pesquisa qualitativa em ambientes digitais é o cuidado ético que os pesquisadores precisam ter a priori, antes de conduzir uma pesquisa - Como será a entrada? Qual identidade ou perfil digital utilizar para a pesquisa? A relação entre política de privacidade da empresa dona do algoritmo X conselho de ética? Compartilhar os resultados com os sujeitos? Longe de ser um debate que ensina os passos e técnicas, o painel tem como meta discutir os desafios e potencialidades da pesquisa qualitativa em ambientes digitais, aguçando uma reflexão crítica sobre seus artefatos e suas estratégias

Palavras-Chave: Ambientes digitais, Internet, Identidades, Narrativas, Técnicas.

Recursos Necessários: projetor, tela, microfone e amplificador (caso haja necessidade pelo tamanho da sala), conexão com a internet.



Proposta de Organização do Painel de Discussão

1- Breve contextualização do tema

A sociabilidade e as relações sociais contemporâneas encontram-se cada vez mais intensamente mediadas pelas tecnologias de comunicação digital. A internet constitui um espaço privilegiado de trocas afetivo-sexuais, políticas, cognitivas e comerciais. A cultura da conectividade convoca a seus partícipes a produção de narrativas, interações, associativismos, além de influenciar diretamente suas práticas cotidianas, num claro apagamento das fronteiras do que seja online e off-line. Dessa forma, os ambientes digitais se tornaram um genuíno campo de pesquisa social, demandando aos pesquisadores um domínio de suas linguagens, regras interacionais, modos de aproximação e domínio técnico de acesso e composição de acervos.

2- Objetivos

Explorar as potencialidades, desafios e limites da investigação qualitativa nos diferentes ambientes digitais é o objetivo geral do painel. Tomam-se como objetivos específicos: 1. Debater a produção de identidades nos ambientes digitais e como tais processos identitários constituem objetos de pesquisa, bem como interferem na aproximação entre pesquisador e sujeitos de pesquisa; 2. Problematizar como identificar e lidar com os diferentes gêneros narrativos que se expressam nos ambientes digitais; 3. Discutir a produção e o manejo de acervos nesses ambientais; e 4. Debater alguns aspectos éticos da pesquisa.

3- Dinâmica/estratégia

a. Apresentação

Os coordenadores irão apresentar oralmente os objetivos do painel. A seguir, irão descrever a dinâmica do trabalho, a ordem dos debatedores e o tempo designado para o debate com os inscritos/partícipes.

O painel será composto de apresentações orais individuais que serão ilustradas por imagens e vídeos. Cada participante irá desenvolver em sua apresentação os tópicos sugeridos no resumo a partir da exposição de 20 a 23 minutos. Ao final das apresentações será dedicado um tempo de 20 minutos para o debate com o público.

b. Exposição Teórica do tema

- O Ambiente digital

O estudado, entendendo que temos diferentes usos práticos e significados atribuídos em cada cultura para as mesmas plataformas de interação social.

Tiago Coutinho

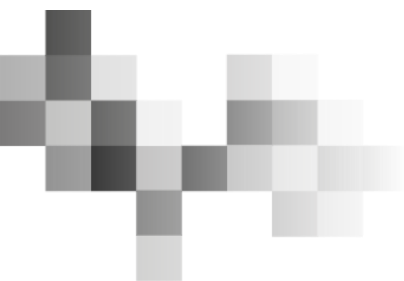
- Construções de identidades

A partir dos ambientes digitais e como tais construções afetam o curso da pesquisa. Entende-se que estes temas provocam formas de identificação a partir da internet e que possuem também diversos desdobramentos práticos como implementação de políticas públicas ou reconhecimento jurídico.

Tiago Coutinho - 20 a 23min

- Plataformas digitais e a construção de gêneros narrativos

Consideramos que cada plataforma digital (Facebook, Instagram, Whatsapp ou Tinder) estabelece um conjunto de regras discursivas que envolvem desde o limite de caracteres, até uma sintaxe própria,



envolvendo texto e/ou imagens de forma peculiar, voltado à produção de narrativas típicas sobre si e sobre a sociedade. O que esperar de cada plataforma? Como identificar e lidar com suas características discursivas?

Suely Deslandes - 20 a 23 min

- Técnicas para a Produção de acervos

Nas pesquisas em ambientes digitais, considerando aspectos éticos de pesquisa

Julia Galli O'Donnell - 20 a 23 min

c. Aplicação em outros contextos

O painel foi pensado a partir de um curso já oferecido a alunos de graduação de Ciências Sociais e das questões surgidas na condução de projetos de pesquisa coordenados pelos painelistas e pelas orientações de mestrado e doutorado sobre o tema.

d. Discussão

A sociabilidade contemporânea foi radicalmente transformada a partir da internet, isto é, pela mediação de tecnologias de informação e comunicação (TIC), que permitiu novos espaços de trocas, sejam comerciais, informacionais, cognitivas, estéticas, sexuais, afetivo-amorosas e de ativismo político (Castells, 2003). Nos ambientes digitais se constroem novos sentidos de comunicação, comunidade, pertencimento e identidades sociais. Torna-se, portanto, um campo rico e vasto da pesquisa social, demandando aos seus pesquisadores uma reflexão de base epistêmica e metodológica, no sentido de “calibrar” continuidades e descontinuidades das posturas técnicas e éticas outrora vivenciadas nas pesquisas e agora colocadas em revisão nas ambiências digitais.

4- Aplicação da proposta na realidade/exemplos práticos

Orientação para o desenho metodológico de pesquisas; orientações para a escolha de técnicas mais apropriadas para a pesquisa em ambientes digitais.

5- Resultados esperados

Estimular o debate, sistematizar pontos ainda dispersos na literatura, pontuar aspectos estratégicos para condução de pesquisas.

Notas biográficas

Suely Deslandes: Graduada em Ciências Sociais e possui o mestrado e doutorado em Ciências. É pesquisadora Titular da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz e atua como professora permanente nos Mestrados e Doutorados em Saúde da Criança e da Mulher (IFF-Fiocruz) e em Saúde Pública (ENSP-Fiocruz). Lecionou diversas disciplinas em métodos qualitativas e possui um conjunto de publicações sobre o tema. As temáticas da violência familiar e entre parceiros íntimos, bem como a avaliação de serviços e iniciativas de enfrentamento a essas práticas ocupam lugar central em sua trajetória. Atualmente pesquisa a perpetração de violências nos ambientes digitais e as formas de ativismo digital para seu enfrentamento.

Tiago Coutinho. Professor do departamento de Sociologia do IFCS-UFRJ possui graduação em Ciências Sociais IFCS-UFRJ, mestrado em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA-UFRJ e doutorado Ciências Humanas, com estágio doutoral na EHECS-FR. Atua na área Antropologia/Sociologia com ênfase na

Saúde e leciona como professor de disciplinas de metodologias qualitativas. Em 2015 realizou um pós-doutorado no Núcleo de Assistência Farmacêutica sobre o consumo de Ritalina nas redes sociais. Ministrou diversos cursos de metodologias qualitativas em ambientes virtuais em instituições como Fiocruz, UFF e UFRJ. Desde este período tem interesse em pesquisa qualitativa em ambientes digitais participando de bancas, seminários, e colóquios em pesquisas qualitativas que envolvam esta abordagem teórica.

Julia Galli O'Donnell. Professora adjunta do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ e da Pós-Graduação em Sociologia da mesma instituição (PPGSA/UFRJ). Graduada em História, mestre e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Atua na área de Antropologia Urbana. Trabalha, com especial atenção às relações entre Antropologia e História. Suas pesquisas se dedicam a analisar processos de transformação urbana, com foco na cidade do Rio de Janeiro, combinando métodos como trabalho de campo, entrevistas e pesquisa em arquivos. Tem, atualmente, dois projetos em andamento: o primeiro busca compreender a formação material e simbólica dos subúrbios cariocas nas primeiras décadas do século XX; e o segundo visa analisar diferentes aspectos das muitas transformações ocorridas na Zona Oeste do Rio de Janeiro no decorrer dos últimos anos.

